

Estágios de teatro nas três escolas do campo

(Relato duma necessidade)

Thierry Beucher



Escola José Fileles de Moura

Me chamou Thierry Beucher, sou francês. Na França, trabalho como autor e encenador no seio duma companhia de teatro profissional, *Le Théâtre de l'Intranquillité*. Em redor daquele trabalho de criação, também dou várias aulas de teatro para públicos diferentes (adultos amadores, adolescentes, jovens em situação de fragilidade psicológica ou psiquiátrica). Trabalho assim desde 35 anos.

Há dois anos atrás, fui convidado pelo MST pra dirigir dois estágios de iniciação no Estado do Ceará (Escola Patativa – Canindé, Assentamento das Moitas). Este ano fui convidado de novo, esta vez, pra dirigir três estágios, nas três Escolas do Campo diferentes: Escola Nazaré de Souza (Assentamento Maceió), Escola Francisca Pinto (Assentamento Antônio Conselheiro), Escola José Fileles de Moura (Assentamento Bomfim Conceição). Tratava-se de três estágios de 15 a 18 horas de duração, com grupos constituídos de 15 a 20 jovens, cada vez. Esses estágios aconteceram do 3 de julho 2019, até o 19 de julho 2019.

No início, sobretudo é importante de dizer, o que não quis que esses estágios estivessem. Quer dizer, sou francês, autor e encenador, trabalhando desde muitos anos, mas não vim como um perito do teatro pra ensinar numa maneira com vista. Não. Estava por aí, em primeiro lugar pra compartilhar minha experiência, mas também pra testemunhar um apoio simples, mas real pelo MST, que conheci na França desde numerosos anos, e pra que tenho um respeito grande, tanta pelas sua lutas que pelas suas concepções dum outro mundo. Assim o que tentei, foi de fazer surgir o que poderia se chamar uma *necessidade da arte* no mundo tão acirrado do capitalismo contemporâneo.



Escola Nazaré de Souza

O que é o teatro? Como se faz? De que precisa?

Comecei esses três estágios dizendo que muitas vezes, apesar de não conhecer, gente pensa que basta de subir em cima do palco e decorrer um texto pra fazer o teatro. Um pouco como se alguém que nunca se ligou com um violão pudesse tocar sem aprender! A realidade desse trabalho está um pouco, mas complexa. Teatro é uma arte e por isso, ele precisa notadamente de técnicas pra poder se expressar. Isso pode se ver como uma maneira de exprimir nossa sensibilidade, as vezes tornando-se até um pensamento, uma maneira de ver, diferente daquela que se impõe dia a dia na televisão, e nos medias dominantes. Assim arte pode ser visto com uma possibilidade de abrir caminhos desconhecidos, que vão alargar nossa visão da realidade. Dito como isso, arte pode se ver hoje não somente como uma luta, mas também como uma participação da emergência de espaços novos. Por isso tentei de mostrar o que é o trabalho do ator, e também que um espetáculo estava uma construção na qual a sensibilidade fica a ferramenta principal dessa elaboração.



Escola Nazaré de Souza

Os três estágios foram contruídos de maneira semelhante, três tempos que podem se resumir assim:
1- Exercícios de aquecimentos. 2- Exercícios sobre a noção do jogo do ator. 3- O trabalho dos textos.

1- Exercícios de aquecimentos

O corpo tem sua forma, sua maneira de se mover, de perceber o mundo em redor. O trabalho de ator é de poder mudar essas formas pra apresentar e expressar personagens e emoções diferentes. Por isso, ele precisa de conhecer seu corpo, mas também que esse último, seja disponível. Esses exercícios, pra relaxar, esticar, aquecer, são igualmente por ter consciência de nos mesmos e do mundo que nos rodeia. Evidentemente, e por as mesmas razões, o trabalho da voz foi incluído nessa preparação, a qual há de adicionar o trabalho sobre a questão de ocupação de espaço.

Faço um parêntese. No meu trabalho, tem uma grande importância como a noção do equilíbrio. Pra mim, a fonte do jogo do ator está uma relação entre o equilíbrio e o desequilíbrio, e aquilo, num espaço, no corpo, na linguagem, até na construção do espetáculo. Tudo isso pode se ver como o processo dum *desequilíbrio dinâmico* que se inicia na primeira imagem e vai demorar até o final.

Existe muitos exercícios do equilíbrio do espaço, que são muito interessantes por isso. O grupo anda num espaço, faz conta que o chão não está estábulo e que pra manter um equilíbrio todos devem ficar a distância igual entre eles, continuando o movimento. Não conheço exercício mais claro pra entender essa questão das interações acima do palco. Duma maneira semelhante, todos os exercícios que desenvolvem a sensibilidade ficam importantes, notadamente aqueles com os olhos fechados por exemplo.

Há de falar também dos exercícios em relação com a imaginação. “Isso não é uma cadeira”, propõe de criar uma outra relação com um objeto qualquer. Assim tem essa ideia que sempre você pode imaginar outra coisa, outra maneira de falar, outra maneira de reagir, o teatro estando sempre uma possibilidade de usar sua liberdade.

Todos são exercícios de aquecimento, pra se tornar mais livre na apresentação que podemos ter de nos, dos outros, e também do mundo.

2- Exercícios de jogo

Tem por exemplo esse exercício dos equilibristas. Duas pessoas andam em cima dum fio imaginário. Cada um vem de um lado, e todos dois devem cruzam-se. Assim logo que um vai perder seu equilíbrio, o outro vai ressentir o movimento e vai dever reagir. E quando os dois vão se cruzar, eles vão criar sua maneira própria de fazer o cruzamento.



Escola José Fileles de Moura

Ainda um outro. O exercício dos escultores. Tem quatro pessoas, dois são cegas e vão tornar-se as estatuas, e dois vão fazer os escultores delas. Os dois escultores imaginam suas estatuas que têm pontos de contatos entre as duas estatuas. Quando acabar, os escultores separam as duas estatuas, e afastam-se. Depois elas abrem os olhos, e seguindo a sensação que fica no corpo dela, elas vão de novo, mas sozinhas, fazer as estatuas. Isso pra mostrar a importância da sensação na relação com arte, mas também pra dizer que se a gente pode pensar, arte não é uma coisa intelectual.



Escola Francisca Pinto

Enfim, o trabalho sobre as emoções foi muito importante. Por isso escolhi aquele exercício, no qual uma pessoa vai andar do fundo do palco na direção do público, com uma emoção qualquer, que vai se crescer andando. A pessoa podendo somente se expressar com seu corpo, e o som “Ah”. Isso permite de mostrar que as emoções são como um mar que o ator deve apreender, as vezes deixando-se transbordar, as vezes as dominando.

3- Exercícios com um texto

Usamos dois textos, um poema de Carlos Drummond, *No Meio do caminho*, e dois trechos de uma peça de Bertolt Brecht, *O Círculo de giz*. Usamos também o poema de Drummond pra trabalhar a voz, e essa noção das emoções, pra experimentar a expressão.

Os trechos de Brecht (na verdade lemos os trechos, mas trabalhamos sobre pequenas “reduções”), pra mostrar que as interações não são somente entre os atores, mas também com a situação na qual eles são embrulhados.

Dois personagens, Simon e Grusche, se amam, mas uma situação de confusão vai os separar (trecho 1). Os mesmos, muito tempo depois, encontram-se de novo, mas aconteceram tantas coisas durante a separação que não for possível de se amar de novo (Trecho 2). Dois personagens vivendo emoções fortes num tempo acirrado deu a possibilidade de concretizar essas questões do desequilíbrio, das emoções que transbordam, e dessa luta pra continuar. Continuar de viver pelos personagens, e mais simplesmente, continuar de contar a história pelos atores.

O Círculo de giz / Bertolt Brecht (1898-1956)

Trecho 1 (redução)

Simon Queria te falar duma coisa.
Grusche De que?
Simon Não sei se posso dizer.
Grusche Fala!
Simon Te amo.
(Silêncio)
Grusche Também te amo.

O Círculo de giz / Bertolt Brecht (1898-1956)

Trecho 2 (redução)

Grusche Simon!
Simon Grusche! (Silêncio) E como vão as coisas por aí
Grusche Não sei se posso dizer.
Simon Fala!
(Silêncio)
Grusche Agora tenho um outro nome.
Simon Entendo.
Grusche Não, você entende nada. (Ele vai embora)
Simon! (Ela grita) Simon!



Escola Francisca Pinto

No último dia, tratou-se de fazer uma montagem com diversas coisas atravessadas, pra socializar e as mostrar numa pequena apresentação.

Maneiras diferentes de expressar o poema de Drummond, o exercício dos equilibristas, os trechos de Brecht. Essa montagem de 15 minutos foi apresentada cada vez, na cada escola.

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade



Escola Nazaré de Souza

Na hora do final, é bem difícil de saber o que vai ficar desse trabalho. Com certeza há de iniciar, falar com os jovens, porque são eles que atravessaram os primeiros, o que foi proposto. Mas me parece importante de escrever que esse trabalho foi feito com uma grande alegria (também as vezes com um grande barulho!), mas sobretudo com essa joia de fazer, e com a participação de todas e todos. O teatro não pode jamais se fazer sozinho, e dentro esses estúdios nos fizemos realmente uma coisa coletiva, na qual cada uma e cada um puderam achar o caminho seu.

Mas mais importante de que tudo pra mim, foi de ver como um desejo de fazer apareceu com alguns dentre eles. Penso no Edinaldo na escola Nazaré de Souza, penso na Jaciara ou Júnior e Misael na escola Francisca Pinta, penso na Kelly, no Mateus, no Afif na escola Fideles de Moura, e tantos outros. São exemplos que não devem esconder o trabalho dos outros, mas vi com elas e eles, como esse desejo podia tornar-se com uma necessidade de fazer.

Na minha ideia, arte deveria sempre nascer duma necessidade existencial, e não somente pra se mostrar, pois arte pode afirmar que se minha vida é como isso, ela pode também ser bem diferente, e assim afirmar outros caminhos diferentes como já disse. E se essa necessidade não pode ser percebida pra todos (não se trata de dizer que tudo mundo deve ser artista), me parece importante de poder oferecer a todas e a todos, uns possibilidade de experimentar o que é uma pratica duma arte.

Importante, porque ninguém sabe o que pode acontecer – jamais, e tentar de mostrar isso, no mundo bem fechado do capitalismo contemporâneo, a meu ver, pode se tornar também como uma outra necessidade, que estou feliz de ter sido capaz para acompanhar durante esses três estágios.



Escola José Fileles de Moura

Queria agora agradecer todas e todos que permitiram que esses estágios pudessem existir:

No primeiro lugar, queria agradecer os participantes na cada escola:

Gabriel, Clarisce, Tainara, Anderson, Guilherme, Bruna, Jamile, Gustavo, Edinaldo, Italo, Deivyane, Ana Paula, Samila, Carla, Mikaele, Jaime, Viliane, Bruno, Rosiane, Janiele, Robson, Bia, Vanderson, Helen, Rafael, Misael, Junior, Jaciara, Jadya, Pedro Enrique, Lairton, Irisnaira, Edivania, Jamile, Allison, Ezequies, Kenilia, Mikael, Juliette, Marcila, Patricia, Ozeias, Vito, Alisson, Caro, Leonardo, Kelly, Edina, Andreza, Mateus, Afif, Roberto.

Queria também agradecer aquelas que me acompanharam e ajudaram nessas escolas:

Francisca, Cármen, Lilica.

E também os diretores e as professoras que me acolheram:

Flávio, Cilene, Nonata, Joel, e todas e todos que permitiram que esse trabalho aconteceu, penso notadamente no setor da educação do MST (Ceará).

Enfim queria agradecer o pessoal de Umberto Frei onde me hospedei entre os diferentes estágios.

E queria mandar um agradecimento especial pelo meu amigo e camarada Jeová, pela sua paciência com meu português aproximativo, suas explicações do funcionamento das escolas, e duma maneira geral, das realidades da vida brasileira.

Obrigado a todas, a todos

Gratidão

A luta continua!



Escola Francisca Pinto